

LIDERANÇA ESPIRITUAL: UM ESTUDO SOBRE A SAÚDE MENTAL DE PADRES E PASTORES NO BRASIL

SILVA, Diocleide¹
ADUSEI-POKU, Benjamin Kwaku²
OLAK, Elizeu³

RESUMO

Vários fatores têm influenciado a saúde mental de padres e pastores do Brasil. Diante disso, este artigo objetiva investigar, conhecer, analisar e compreender os de maior relevância. As rápidas mudanças sociais, econômicas e culturais trazem consigo grandes desafios na vida de líderes religiosos ao mesmo tempo em que imagem destes se torna cada vez menos valorizada num mundo onde cresce um ateísmo centrado no homem e na matéria e não no espiritual. A investigação referente a esta temática permitiu ampliar o conhecimento sobre tal fenômeno, o qual tem se tornado relevante nos dias atuais, visto que são poucos os estudos na área da Psicologia sob esta ótica, em específico. Para atingir os objetivos almejados, a presente pesquisa foi baseada no método quantitativo, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados o Questionário de Saúde Geral (QSG-12). Fizeram parte da amostra, 86 líderes religiosos do sexo masculino, a saber: 43 padres e 43 pastores de diferentes faixas etárias. Após analisar os resultados, percebeu-se que há fortes indícios de sofrimento, solidão e estresse, bem como dificuldades de concentração, distúrbios do sono e sentimento de inutilidade na vida. Tais resultados levam a inferir certo nível de prejuízo em relação à saúde mental destes líderes, já que há a presença de ansiedade, estresse e depressão em boa parte das respostas dos participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Saúde mental; líderes religiosos; padres e pastores.

¹Psicóloga, mestra em Psicologia. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: diocleidepsi@gmail.com.br

²Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. Email: baduseipoku@yahoo.com

³Acadêmico do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. Email: elizeuolak@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A questão da saúde mental é um tema recorrente na sociedade pós-moderna, visto que as afetações psíquicas têm provocado gradativos adoecimentos especialmente na vida adulta, decorrentes da vida produtiva. Fatores como a depressão e a ansiedade já se constituem como um problema de saúde pública devido aos seus altos níveis de ocorrência, associado, em especial, a algumas profissões relacionadas diretamente ao cuidado do bem-estar alheio.

Ao se pensar na questão da saúde e adoecimento dos líderes religiosos, apesar de, nos últimos anos, alguns casos terem chamado à atenção, pouco se debate sobre os fatores que sobrecarregam emocionalmente estes profissionais engajados no desenvolvimento e amparo religioso da população. Em particular, aos que representam as igrejas de tradição cristã, a saber: padres e pastores. Consta-se que a vida do líder religioso é solitária e desafiadora, devido às expectativas geradas pelo sagrado, palavra, esta, que, em seu significado original, nos remete a “inviolável, àquele que é separado para Deus”. Historicamente, os profetas da antiguidade tiveram um caminho solitário, ou seja, mesmo havendo discípulos e seguidores, a condição de liderança os colocava numa posição superior, tornando-os referência de perfeição e exemplo, perdendo, contudo, o olhar de que esta liderança é formada por um ser humano que tem sua própria historicidade, seus sofrimentos, além de suas preocupações seculares e dores invisíveis. A situação de não serem vistos, pelos fiéis, como “simples humanos”, gera ainda mais sofrimento e agravamento de angústias, contribuindo para cronificação da dor, já que esta é invisível. Assim, a síndrome de Burnout e a ansiedade têm feito parte de um quadro laboral recorrente de muitos líderes espirituais por não lhes ser permitido viver sua humanidade. Por vezes, o adoecimento, que, inconscientemente, pode caracterizar-se como um grito de socorro, se constitui como uma oportunidade para que estes líderes sejam olhados com humanidade.

Por considerar estas questões de suma importância, surgiu o interesse em elaborar o presente estudo, de forma a implicar a Psicologia nestas questões que ainda parecem tão distantes de nossa profissão. Refletir sobre a temática e, ainda, compreender que a vida religiosa não dá superpoderes a padres e pastores e não os tiram da condição de falíveis, os possibilitará, enquanto profissionais, a um maior compromisso com o mortal que está atrás do altar.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A SAÚDE E A RELAÇÃO LABORAL DE PADRES E PASTORES.

A questão da saúde mental e a psicopatologia sempre foi e é de grande controvérsia. Quando se trata de alterações comportamentais acentuadas e de longa duração, fica claro o delineamento da fronteira entre a saúde e a doença. Mas na vida cotidiana há vários casos limítrofes nos quais a delimitação entre o normal e o patológico se confundem até chegar ao extremo do sofrimento.

Assim, de modo geral, os critérios de saúde, doença ou sofrimento dependem dos fenômenos específicos com os se quais trabalha e também com as opções e posições filosóficas do profissional envolvido. Geralmente é considerado como quadro patológico a partir do momento em que se torna disfuncional e produz sofrimento para o indivíduo ou para o grupo. Isso pode ter relação direta com o trabalho do sujeito, tendo repercussões sobre a saúde mental e física (DALGALARRONDO, 2008). A Organização Mundial de Saúde (OMS) – agência especializada em saúde, fundada em 1948, integrada à Organização das Nações Unidas – define “saúde” como sendo um estado de bem-estar completo, mental, social e físico e isso não é somente limitado à ausência de afecções e enfermidades.

A saúde não se trata apenas da ausência de doença, mas sim do bem-estar que nos permite responder de forma positiva às adversidades. Para a OMS, a saúde mental e o bem-estar são fundamentais para o desenvolvimento pessoal e interpessoal do ser humano, devendo a sua promoção, proteção e recuperação constituírem preocupações vitais dos indivíduos, comunidades e sociedades.

Para compreender os laços entre trabalho e saúde, é indispensável que se investiguem as fontes de sofrimento e de prazer dos trabalhadores. Segundo Dejours (1992), tal sofrimento é inerente ao mundo do trabalho, ou seja, ao encontro de um sujeito, com sua trajetória individual e singular, com uma organização do trabalho. Desta forma, as defesas individuais são necessárias para lutar contra a doença mental e aliviar o sofrimento, sendo assim, o sofrimento é, antes de tudo, expresso no corpo, engajado no mundo e nas relações com o outro.

O sofrimento é considerado como uma vivência individual ou compartilhada de experiências como angústia, medo e insegurança, resultantes da impossibilidade de uma negociação bem-sucedida entre os desejos e anseios individuais e o contexto de produção de bens e serviços. Alguns critérios podem ser indicadores de sofrimento, como i) desgaste –

representado por estresse, cansaço, desânimo e; ii) desvalorização – definida a partir de sentimento de insegurança no tocante à produtividade e ao desempenho (FERREIRA; MENDES, 2003).

Diante do exposto, este artigo visa adentrar no viver de líderes religiosos do Brasil com o propósito de conhecer como está a saúde mental destes profissionais.

2.1. A saúde dos padres e pastores no ambiente laboral.

A solidão é muito presente na vida dos padres e pastores. Por consequência, há vários cleros que gritam no silêncio, que vivem na solidão. A solidão produz desconforto, gera depreciação de si mesmo e até sentido de inutilidade, abrindo o caminho para a depressão. O clero vive sozinho entre pessoas que esperam ser compreendidas e amadas, as quais se esquecem que aquele indivíduo de quem tanto esperam, também deve ser entendido e amado para que possa ser, primeiramente, um homem e depois um sacerdote. Isso justifica a pergunta feita por Andreoli (2010): “Quem cuida do homem que está dentro de um padre/pastor?”.

Segundo pesquisas do bispo católico e psiquiatra, Moore (1936) apud Santos (2016), em asilos e sanatórios tanto católico quanto não católico nos Estados Unidos, nota-se grande número de demência, comportamento maníaco depressivo, alcoolismo e paranoia entre as freiras e os sacerdotes. O sofrimento psíquico, aparentemente, não está muito longe do clero. Esse sofrimento geralmente nomina-se como cansaço, depressão, estresse, solidão dentre outros.

Silva (2006), assevera que o exercício da atividade de um líder espiritual é uma composição onde se mesclam bênçãos e agonias, sucessos e fracassos, vitórias e desafios. Com sua experiência de vinte anos como pastor e mais cinco como pastor de pastores, o autor constata que a má compreensão ou desconhecimento da Igreja das pressões e exigências que pairam sobre a pessoa do pastor, como também a falta de conhecimento dos distúrbios emocionais e psicológicos aos quais o líder está suscetível, podem atuar como potencializador das dificuldades e dos desafios subjacentes ao exercício do ministério pastoral.

O padre ou pastor ocupa no imaginário humano o lugar do sagrado, ou seja, o lugar daquele que cura e não do ferido. Por isso, muitas vezes ele sofre em silêncio (PINTO,

2012). Tem, ainda, aqueles que pensam que não necessitam de psicoterapia, por acreditarem que pode haver alguma incompatibilidade entre a psicoterapia e a fé. Na crença popular considera-se, sem fundamento, que quem tem fé não precisaria de psicoterapia ou que quem estiver em psicoterapia provavelmente não deve ter tido muita fé. Essa crença, claramente equivocada, ainda está muito presente na sociedade.

O desafio de atuar num mundo sempre mais secularizado está causando prejuízo na saúde de padres e pastores. As rápidas mudanças sociais, econômicas e culturais trazem consigo grandes desafios na vida destes. A secularização invadiu a sociedade e o sagrado, por vezes, acaba cedendo ao profano. A ênfase está na realização pessoal mediante o pragmatismo, o saber, o fazer, o ter, deixando de lado o espiritual. Os padres e pastores se encontram como guardiões de uma fé cada vez mais questionada e posta à prova. Assim sendo, sua imagem tem se tornado cada vez menos valorizada num mundo onde cresce certo ateísmo centrado no homem e na matéria e não no espiritual (MÉZERVILLE, 2012).

As pessoas de vida consagrada geralmente levam muito tempo para reconhecer que estão em crise. Se para o leigo a busca da psicoterapia só se dá depois de inúmeras tentativas por outros meios, como médicos, amigos, charlatães, mágicos, religiosos, drogas, livros de autoajuda, força de vontade dentre outros, para o padre ou pastor esse caminho costuma ser ainda mais longo. Eles buscam uma solução por meio do que lhe está mais facilmente ao alcance: oração, amigos (PINTO, 2012).

O clero normalmente suporta a sua dor até um limite quase insuportável antes de se permitir ser ajudado. Eles ainda aceitam ajuda como se “tivesse sido traído por sua porção existencial mais saudável, aquela que sabe pedir socorro quando há necessidade de pedir socorro” (PINTO, 2012, p. 52).

As exigências do povo esgotam os líderes religiosos que, por sua vez, podem vir a sofrer síndromes como a de Burnout, por exemplo. Os efeitos da frustração acumulada levam à produção de consequências devastadoras induzindo à síndrome do consumo pelo trabalho, desgaste ocupacional, esgotamento profissional, síndrome de desgaste ou Burnout (MÉZERVILLE, 2012). Pereira (2013), por sua vez, a chama tais patologias de “síndrome de bom samaritano desiludido”. Existe controvérsia quanto a vivência desse ideal de “amarás o Senhor de todo o teu coração e de toda a tua alma [...] amarás o teu próximo como a ti mesmo (Mateus 19:19). Os padres e pastores “vivem tensionados frente a esse ideal e a realidade do cotidiano” (PEREIRA, 2013, p.163).

Há, também, um fenômeno muito comum entre o clero, trata-se de certa dificuldade em perceber e viver alguns sentimentos especialmente aqueles que têm conotações negativas no mundo ocidental. O ser humano pode ter os sentimentos de amor, alegria, raiva, tristeza, coragem e medo e, ainda, combinações dessas emoções, mas algumas delas, como a raiva e a tristeza e, principalmente, o medo, não são bem aceitos no meio religioso.

O clero aprende desde cedo que não pode sentir tais anseios ao se tornarem pessoas amorosas e firmes na fé. Mas, como não sentir essas emoções que são inerentes ao ser humano? Pinto (2012, p. 84-85), ao abordar a respeito, postula que “não dá para se escolher o que perceber ou sentir, uma vez que as emoções e, por via disso os sentimentos são acontecimentos corporais, não são frutos da vontade”.

2.1.1. A identidade dos padres e pastores no mundo em mudança.

Existem, até o presente momento, poucas pesquisas sobre os líderes religiosos que se encontram em situação de risco quanto à saúde mental. Segundo Pinto (2012, p. 40), “a psicoterapia das pessoas que dedicam sua vida ao sagrado, a alguma religião, é um tipo de trabalho que ainda demanda muita pesquisa e muita teorização”. A função do clero existe desde os primórdios das religiões. É uma realidade antropológica em que o culto se desenvolveu junto com o sacerdócio ao longo dos milênios atingindo nosso tempo.

A antropologia mostra, na trajetória histórica das religiões, uma relação entre sacerdócio, rituais e sacrifícios. O que se encontra no âmbito judaico-cristão tem relação com o que se encontrava na Suméria, Mesopotâmia, Índia, China e Persa antigas bem como em outros continentes como a África e a Oceania na função dos xamãs – pessoas que se conectam com a natureza e o mundo espiritual para curar e despertar os outros – e detentores do poder religioso mágico (PINTO, 2012). Esse artigo limita-se à figura do presbítero não anterior a comunidade da Igreja Cristã, mas àquele que nasce do esquema: Cristo–apóstolos–bispos–presbíteros/padres e pastores–fiéis. Cabe ressaltar que, nesse artigo, entende-se por “Igreja” aquela que nasce da missão do Cristo e do Espírito Santo (VALLE *et al.*, 2003).

Os padres e pastores têm uma função particular. Eles, por meio de gestos, liturgias, palavras, cerimônias dão respostas às necessidades do sagrado, contudo, é a religião a resposta às necessidades do sagrado. A palavra “sacerdote” trata-se da combinação de *sacer*

– que significa sagrado – e *dho-tsque* – que significa aquele que faz cerimônias sagradas. Assim sendo, padres e pastores são aqueles que administram as coisas sagradas (ANDREOLI, 2010).

Essa função se torna muito importante porque nasce de uma das principais da religião que é a de proporcionar às pessoas a sensação de pertença, considerada uma sensação fundamental na identidade de cada ser humano. O sagrado pode, então, ter a função de facilitar ao indivíduo o pertencimento a um grupo, uma sensação básica à vida humana e, assim, se torna uma característica da identidade das pessoas. Ciente da importância do sagrado na identidade da pessoa, o clero que administra as coisas sagradas acaba ocupando um lugar importante no imaginário do povo (PINTO, 2012).

No fictício humano e entre os fiéis tem-se a crença de que o líder religioso “não é como os outros homens”. Seu trabalho lhe dá acesso aos mais íntimos recessos da alma dos fiéis, testemunha traição, infidelidade, perdão, compreensão, misericórdia e reconciliação, mas essa mesma *persona* sacerdotal torna-se sua rocha de identidade e também a fonte de sua solidão e sofrimento (COZZENS, 2001), pois seu trabalho o sentencia a tal vida – de solidão e sofrimento.

Existe sobre a *persona* do sacerdote uma série de projeções que remontam ao tempo medieval, por mais que a sociedade tenha se modernizado. O clero hoje não usa, com frequência, o colar ou a batina, mas os têm internalizados e invisíveis, presentes no imaginário da sociedade. A título de ilustração, ressalta-se a fala de Pinto (2012), o qual cita que o rei não pode estar nu, por mais que ele quisesse, às vezes, estar. Assim também acontece ao líder religioso: ele é formado para ser do clero o tempo todo, em todos os lugares e com todo mundo. Mas todo ser humano precisa de espaço para poder trafegar entre as polaridades e no caso dele, as polaridades de, além de ser padre ou pastor, ser leigo. Todos merecem poder “deixar o cabelo solto”, por assim dizer.

A escolha por esse campo se deu em corroboração às observações postuladas por Pinto (2012, p. 12-13): “se aprofundarmos algumas questões ligadas à clínica em psicoterapia no Brasil, verificaremos que falta uma melhor sistematização teórica sobre a prática psicoterapêutica destinada ao clero brasileiro”. A lacuna apontada na fala do autor refere-se à essência deste artigo.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Assume-se como metodologia desta pesquisa o método quantitativo, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados o Questionário de Saúde Geral (QSG-12), construído pelo médico psiquiatra DP Goldberg, em 1972 e validado por Possatti, Dias e Gouveia, em 2002. Trata-se de um recurso de questionamento o qual abrange, em sua versão reduzida, 12 itens, a saber: 1. Tem podido concentrar-se bem no que faz? 2. Suas preocupações lhe tem feito perder muito sono? 3. Tem sentido que tem um papel útil na vida? 4. Tem sentido capaz de tomar decisões? 5. Tem notado que está constantemente agoniado e tenso? 6. Tem tido a sensação de que não pode superar suas dificuldades? 7. Tem sido capaz de desfrutar suas atividades normais de cada dia? 8. Tem sido capaz de enfrentar adequadamente os seus problemas? 9. Tem se sentido pouco feliz e deprimido? 10. Tem perdido confiança em si mesmo? 11. Tem pensado que você é uma pessoa que não serve para nada? 12. Se sente razoavelmente feliz, considerando todas as circunstâncias?

3.1. Caracterização dos participantes da pesquisa

A amostra foi constituída por meio da colaboração de 86 líderes religiosos do sexo masculino, sendo 43 padres e 43 pastores. A idade variou entre 21 e 78 anos, sendo que a média ficou nos 40. Estes participantes foram escolhidos aleatoriamente, desde que atendessem aos critérios de inclusão e, sobretudo, acatassem ao termo de consentimento. Trataram-se de entrevistados do Paraná, São Paulo, Mato Grosso de Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Sergipe, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraíba, Rio Grande de Sul, Pará, Goiás, Alagoas e Rondônia.

Quanto à renda, 66,3% recebiam, até o momento, entre 0 e 3 salários mínimos; 18,6% entre 4 e 6 salários mínimos; 9,3% entre 7 e 10 salários mínimos e; 5,8% mais de 11 salários mínimos. Vale ressaltar que o salário mínimo nacional no corrente ano da pesquisa – 2018 – era de R\$ 954,00.

Em relação à formação teológica, 97,6% são formados. Dentre eles, 70,9% há mais de 5 anos e; 26,7% há menos de 5 anos. Os 2,4% restantes não tinham formação teológica.

Outro dado importante, diz respeito ao estado civil dos respondentes: 48,8% eram solteiros; 46,5% casados e; 4,7% viúvos ou divorciados.

3.1.1. Instrumentos e procedimento de coleta de dados

Para apurar a saúde mental e o bem-estar psicológico dos líderes religiosos convidados a participar da pesquisa, foi utilizado o QSG-12 em sua versão reduzida a qual contém 12 itens os quais variam numa escala de 4 pontos que medem ansiedade e a depressão. Contemplou-se, também, alguns dados sociodemográficos, como idade, tempo de dedicação ao ministério, renda mensal e estado civil.

Os dados foram coletados por meio da plataforma *Google Forms* – ferramenta gratuita disponibilizada para quem busca coletar e-mails, nomes e/ou criar formulários on-line. Assim, o convidado, após concordar em participar da pesquisa, recebeu um link contendo o instrumento para responder on-line. Tais respostas foram mensuradas em gráficos.

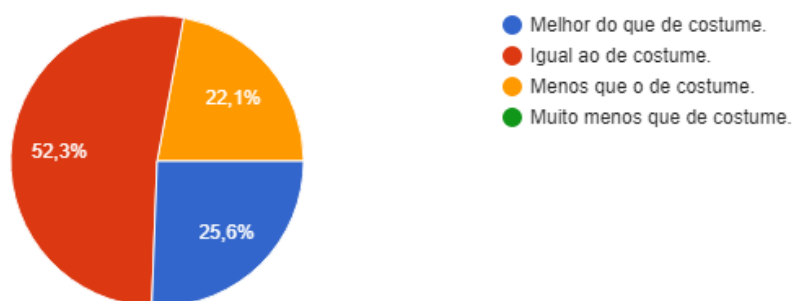
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Foram disponibilizadas 14 perguntas on-line, cada qual com seu objetivo específico para atender à demanda da pesquisa. A primeira delas refere-se à concentração do líder religioso no que faz, seguida das demais, com base no QSG-12. As respostas dadas às perguntas foram organizadas em gráficos, os quais seguem abaixo:

Gráfico 1: Pergunta 1

1. Tem podido concentrar-se bem no que faz?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Dos 86 líderes religiosos entrevistados, 22,1% relataram que não conseguem se concentrar como de costume. Tal episódio pode ter várias causas, mas uma delas, na vida do clero, poderia ser o resultado das frustrações que se acumulam.

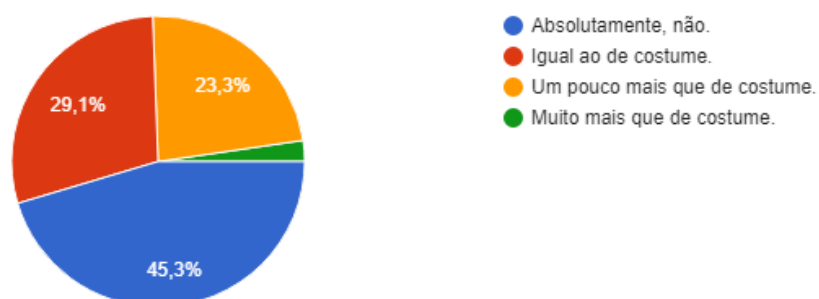
O clero está constantemente envolvido em relacionamentos sociais que aumentaram muito em sua imprevisibilidade e em sua complexidade de estratificação social (ANDREOLI, 2010). Esse acúmulo de frustração talvez seja a base da dificuldade de se concentrar que faz.

A questão seguinte, aborda sobre a qualidade de sono, condição essencial para o equilíbrio da saúde física e emocional.

Gráfico 2: Pergunta 2

2. Suas preocupações lhe tem feito perder muito sono?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Após análise das respostas advindas desta questão, percebe-se que 23,3% afirmaram que não estão conseguindo dormir como o habitual. Importante de faz ressaltar que 2,3% relataram que estão dormindo muito menos que o de costume por causa de suas preocupações. Isso mostra que um número alto de líderes tem o sono e a concentração comprometidos. Esse resultado aponta um nível considerável de estresse entre essa classe. A angústia e a depressão talvez sejam a base desse sofrimento.

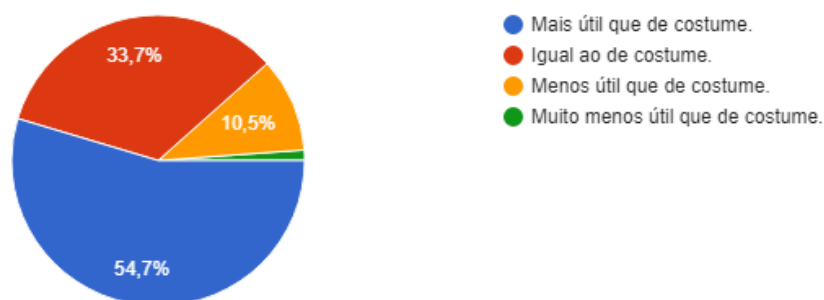
“A depressão e a angústia, tão generalizadas atualmente, estão na origem do mal-estar contemporâneo [...]” (PEREIRA, 2012, p. 355). Esse mal poderia prejudicar o sono desses líderes. Também é possível que a preocupação seja a base da perda de sono. A preocupação com o futuro está presente na vida da maioria dos cleros. Percebe-se tal preocupação por meio das respostas relacionadas à família, renda, saúde e a estrutura eclesial entre outros – conforme questão 14, abordada mais adiante. O DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, produzido pela *American Psychiatric Association*, cita a insônia como um dos sintomas do transtorno depressivo maior.

A pergunta seguinte, abordou sobre o sentimento de utilidade dos líderes religiosos.

Gráfico 3: Pergunta 3

3. Tem sentido que tem um papel útil na vida?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Como pode ser observado no gráfico acima, 10,5% dos padres e pastores responderam que acreditam que o que têm feito tem sido menos útil que o habitual e; apenas 1,1% dos entrevistados acreditam ter um papel muito menos útil do que o de costume.

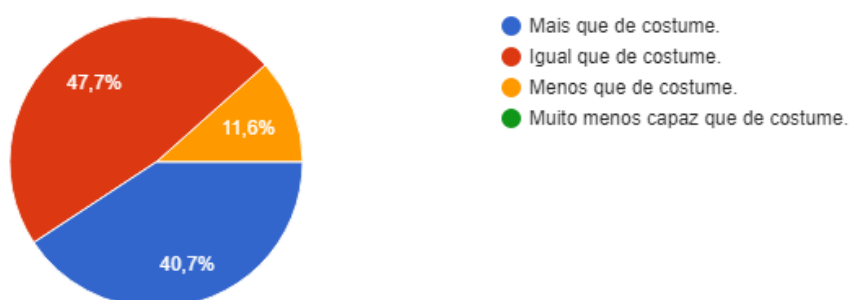
Num mundo em rápidas mudanças sociais, como postula Mézerville (2012), os líderes religiosos se encontram como guardiões duma fé cada vez mais questionada. Com ênfase na realização pessoal e no pragmatismo. O papel dos líderes espirituais se encontra menos valorizado e a resposta desses líderes mostra que um bom número considera seu papel menos útil.

Sobre o sentimento de tomada de decisões, o gráfico a seguir apresenta resultados também consideráveis.

Gráfico 4: Pergunta 4

4. Tem se sentido capaz de tomar decisões?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Dos entrevistados, 11,6% relataram estar com menos capacidade de tomar decisões. Isso significa que, aproximadamente, 11 cleros em cada 100, estão, atualmente, com mais dificuldade para tomar decisões. Esta dificuldade poderia ser ligada à ansiedade ou até à depressão.

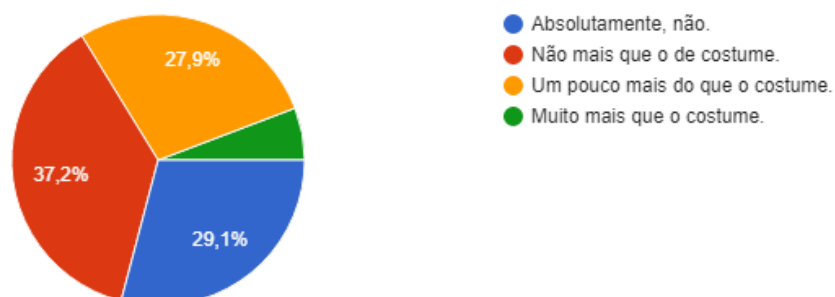
O DSM-5 inclui como critério de diagnóstico para o transtorno depressivo, a capacidade diminuída para pensar ou se concentrar ou, ainda, a presença de indecisão, quase todos os dias.

Outra questão abordada, foi em relação ao sentimento de tensão e agonia.

Gráfico 5: Pergunta 5

5. Tem notado que está constantemente agoniado ou tenso?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

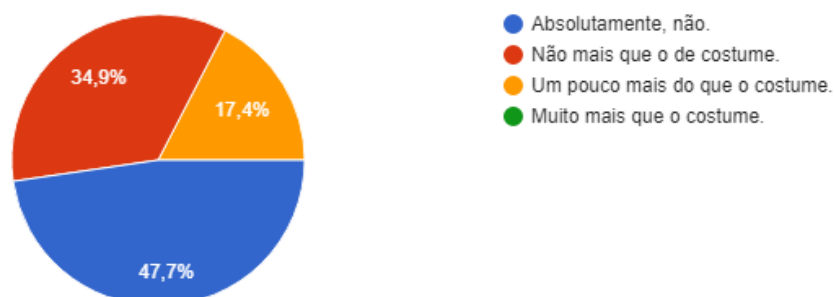
Neste gráfico, percebe-se que só 29,1% responderam que não sentem absolutamente nada de agonia ou tensão; 37,2% não sentem mais angústia do que o costume; 27,9% narraram ter um pouco mais de agonia e tensão que o costume e; 5,8% relataram ter notado que se encontram constantemente agoniado ou tenso, muito mais que o de costume. Isso mostra, claramente, que os padres e pastores, em sua maioria, vivem constantemente agoniado.

Uma profissão que gera muita agonia e tensão, sem sombra de dúvida, gerará, também, sofrimento psíquico de grande proporção. Como ressalta Cozzens (2001), a mesma *persona* sacerdotal que é a sua rocha de identidade acaba também sendo a fonte de sua solidão e sofrimento.

A pergunta 6 disponibilizada aos convidados da pesquisa, abordou sobre o sentimento de resiliência e enfrentamentos de dificuldades.

Gráfico 6: Pergunta 6**6. Tem tido a sensação de que não pode superar suas dificuldades?**

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

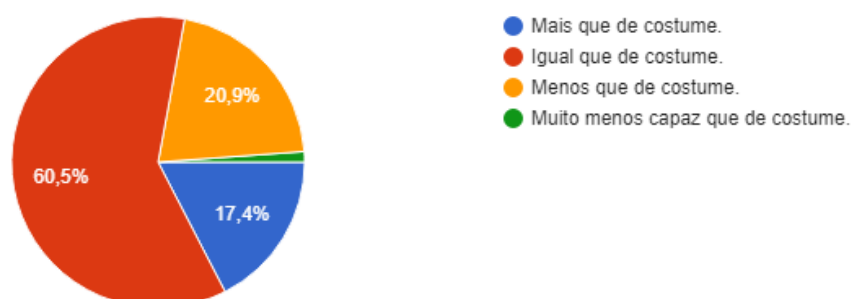
Em resposta a esta pergunta, é importante ressaltar que, quanto à sensação de não conseguir superar as dificuldades, 17,4% desses líderes informaram estar com esse sentimento mais aguçado, ultimamente. Essa sensação de angústia ou incapacidade diante das dificuldades, parece ser comum na vida dos líderes religiosos.

A angústia pode ser em consequência das exigências e expectativas dos fiéis em relação aos seus líderes, o que acaba por tornar-se um peso. Os efeitos da frustração acumulada, como já mencionado, segundo Mézerville (2012), podem produzir consequências devastadoras levando o líder religioso a saturar-se pelo trabalho, desgastar-se em sua ocupação laboral, esgotar-se profissionalmente e, ainda, desenvolver a síndrome de Burnout ou, como nomina Pereira (2013), “síndrome do bom samaritano desiludido”.

Nesta próxima pergunta, solicitou-se aos participantes que discorressem sobre suas atividades cotidianas.

Gráfico 7: Pergunta 7**7. Tem sido capaz de desfrutar suas atividades normais de cada dia?**

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

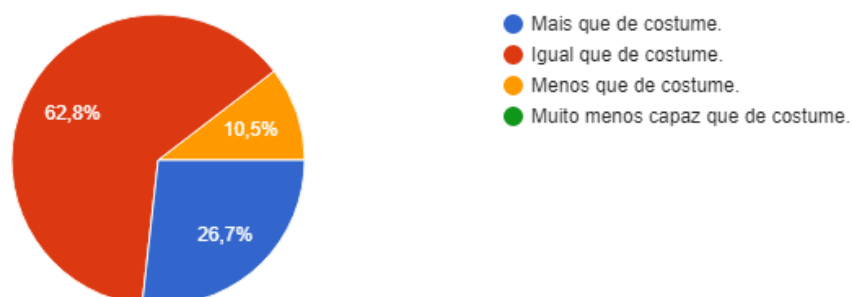
À esta pergunta, em particular, 20,9% mencionaram ter menos capacidade de desfrutar de suas atividades normais de cada dia, enquanto; somente 1,2% dos respondentes relataram estar com muito menos capacidade que de costume. Essa incapacidade talvez seja o resultado do desgaste na vida clerical e, a síndrome de Burnout, poderia ser uma consequência disso.

Segundo Mézerville (2012), as exigências e pressões inerentes ao trabalho desses padres e pastores tendem a levar a reações de extremo esgotamento, motivo pelo qual se sentem, com frequência, física e emocionalmente esgotados. O quadro de esgotamento emocional, segundo Campos (2018), pode levar progressivamente para um estado depressivo. Isso faz com que grande número desses líderes não consiga desfrutar de suas atividades normais do dia a dia.

Na próxima pergunta, os participantes puderam relatar como enfrentam seus problemas.

Gráfico 8: Pergunta 8**8. Tem sido capaz de enfrentar adequadamente os seus problemas?**

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

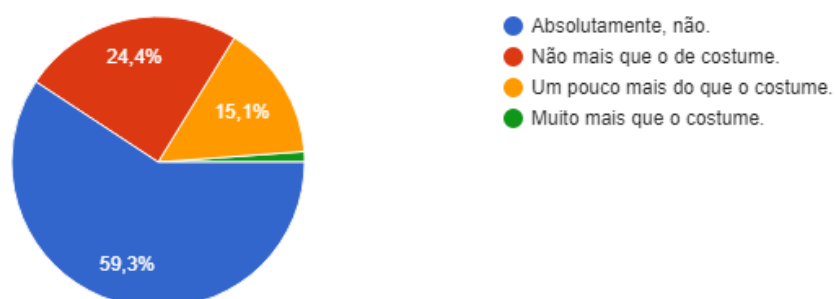
Aqui, os líderes espirituais, na grande maioria, responderam que estão enfrentando os seus problemas como de costume; mas, 10,5% relataram que estão sendo menos capazes de enfrentar seus problemas adequadamente. O fator responsável dessa dificuldade poderia ser o estresse que esses religiosos enfrentam.

O estresse, segundo Mézerville (2012), é o estado que uma pessoa sofre diante das exigências às quais ela deve responder num tempo limitado. Quando ela se dá conta de que não dispõe de tempo suficiente para cumprir as suas tarefas, começa a experimentar sensações desagradáveis tanto física, quanto emocionalmente, quadro que se classifica como “estar estressado”. Essa condição de estresse não permitirá que os líderes religiosos enfrentem, adequadamente, os seus problemas.

Para melhor compreensão sobre estado de saúde mental dos participantes, foi solicitado que discorressem sobre o sentimento de felicidade e depressão.

Gráfico 9: Pergunta 9**9. Tem se sentido pouco feliz e deprimido?**

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

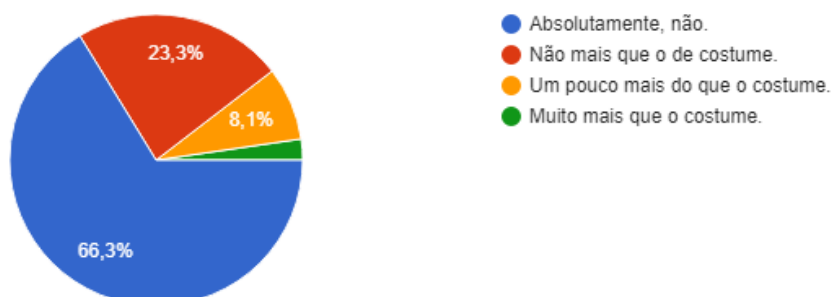
Quanto a essa pergunta, 59,3% responderam que não estão se sentindo pouco feliz e deprimido; 24,4% se confirmam com o sentimento de pouca felicidade e depressão, mas não mais que o de costume; em contrapartida, 15,1% responderam estar se sentindo um pouco mais triste e um pouco menos feliz que o de costume e; um pequeno, mas não insignificante, número de 1,2% afirmaram estar se sentindo pouco feliz e deprimido, muito mais que o habitual.

Pereira (2013), em seu livro intitulado “Sofrimento Psíquico dos Presbíteros”, fala da angústia que aparece no grupo dos cleros como um reflexo da própria época em que se vive. A evangelização perde o sentido e o encanto, o humor do clero morre e o padre ou pastor começa a se perguntar a que veio. Nas palavras do autor, “o bom samaritano da vida inteira começa a ficar desiludido” (PEREIRA, 2013, p. 166), e a depressão entra como uma realidade espinhosa. O fato de muitos cleros da nossa amostra estarem se sentindo pouco felizes e deprimidos, desperta grande preocupação.

A próxima questão refere-se à análise sobre o estado de confiança em si mesmo.

Gráfico 10: Pergunta 10**10. Tem perdido confiança em si mesmo?**

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Dos respondentes, 8,1% retorquiram ter perdido um pouco mais a confiança em si do que o de costume; 2,3 % responderam ter perdido muito mais confiança em si do que o habitual. Isso cumula mais de 10% dos líderes religiosos que declararam ter perdido a confiança em si mesmo, número, este, alarmante.

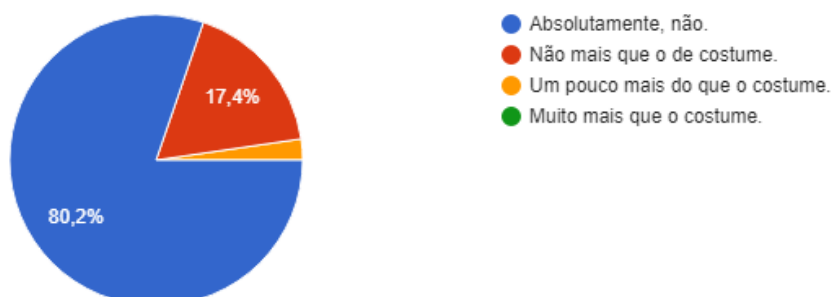
Campos (2018), fala dos sintomas de religiosos adoecidos em nível extremo, sintomas que acabam por induzi-los à uma autodepreciação, à falta de confiança e até a um medo resultante de um esgotamento, exaurido pela demanda cotidiana.

Os participantes também puderam responder sobre sua importância nos dias atuais.

Gráfico 11: Pergunta 11

11. Tem pensado que você é uma pessoa que não serve para nada?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

O religioso se vê numa concorrência com muitas outras pessoas e grupos. Padres e pastores ocupavam, antigamente, um lugar de respeito e admiração no olhar do povo religioso. Hoje, como aponta Feller (2013), eles não são mais os únicos agentes dessa função, pois concorrem com pais de santo, magos, esotéricos, mestres, iluminados e qualquer outro que tem algo a dizer sobre religião.

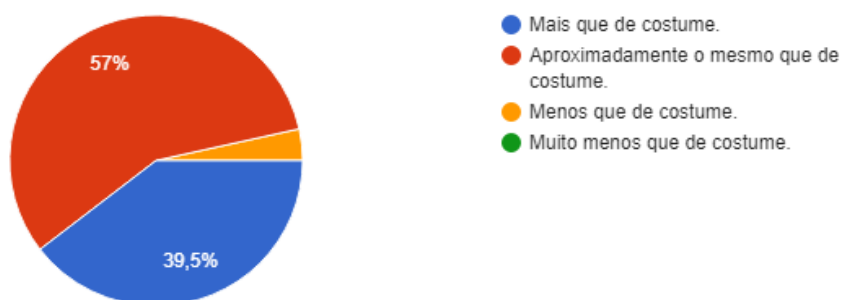
Muitas pessoas estão tomando para si uma religião própria sem pertença, instituição, doutrina ou, ainda, no pluralismo religioso dos dias de hoje, muitos acabam vivendo uma espécie de cisma particular, com a liberdade de acatar ou rejeitar elementos fundamentais de sua Igreja. Essa atitude faz com que alguns padres e pastores se sintam laborando num campo que não serve mais para nada, como pode-se constatar a partir do resultado da questão acima: embora nenhum dos líderes espirituais declarou que se sente uma pessoa que não serve mais para nada, muito mais que o de costume, considerável número – 17,4% – afirma ter esse sentimento não mais que o de costume, ou seja, é um sentimento que já vem com esse público desde muito tempo e; ainda, outro pequeno número, mas não insignificante, pois soma-se um total de 2,4% têm tido esse sentimento um pouco mais do que o habitual.

A próxima questão aborda a respeito de como estes líderes lidam com todas as circunstâncias que os envolvem.

Gráfico 12: Pergunta 12

12. Se sente razoavelmente feliz considerando todas as circunstâncias?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Nesta indagação, 57% dos entrevistados responderam estar se sentindo razoavelmente feliz, considerando as circunstâncias o mesmo que o de costume; enquanto 39,5% relatam estar mais feliz que o de costume e; somente 3,5 % deles relataram estar se sentindo menos felizes, considerando as circunstâncias.

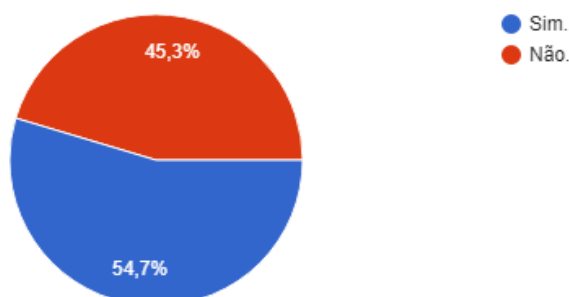
Levando-se em conta o resultado das outras perguntas as quais apontam alto nível de estresse, angústia e depressão, julga-se intrigante as respostas dadas a esta questão. A pergunta que não se cala é: O que os líderes consideram ser razoavelmente feliz, considerando as circunstâncias? Importa refletir, ainda, o quão difícil é para o “bom samaritano” admitir a sua condição de não felicidade, já que a função eclesial sugere que ele deve ser o “bom pastor”, abnegando a condição de “ovelha ferida”.

Buscou-se saber, também, sobre as mudanças que ocorreram nos últimos meses na vida dos líderes religiosos.

Gráfico 13: Pergunta 13

13. Aconteceu alguma mudança em sua vida nos últimos meses?

86 respostas



Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Mais da metade – 54,7% – dos entrevistados declararam que, nos últimos meses, houve mudanças em suas vidas; mas, em contrapartida, para 45,3% nenhuma mudança ocorreu. Mudanças são, às vezes, necessárias, mas nem sempre elas ocorrem para o bem. Assim sendo, o questionário encerra-se com a indagação no intuito de saber se foram mudanças positivas ou negativas que se incidiram na vida dos líderes religiosos convidados a participarem da pesquisa.

Quadro 1: Pergunta 14

14. Se a resposta da pergunta 13 for "SIM", qual foi a mudança, em poucas palavras? Se for "NÃO" escreva "nenhuma".	
MUDANÇAS	FALA DOS PARTICIPANTES
POSITIVAS	✓ Amigo sincero. ✓ Caminhando para a aposentadoria e continuo amando meu afazer.

	✓ A forma de agir em relação aos outros. ✓ Mudança para melhor, busquei superar os problemas que se enfrenta na Diocese com espiritualidade e terapias. ✓ Voluntariamente passei o pastorado para um pastor jovem e permaneço na membresia da igreja, feliz da vida. ✓ Inserção maior na vida das pessoas e participação em projetos sociais em benefício dos mais carentes. ✓ Mudança em buscar o cuidado da saúde. ✓ Mais responsabilidade, com o amadurecimento se vê a necessidade de mudar algumas atitudes, alguns posicionamentos para ser mais flexível e ouvir mais. ✓ Com amadurecimento mudei algumas atitudes, sou mais capaz de ouvir, acolher para depois agir mais flexivelmente.
NEGATIVAS	✓ Decisões eclesiais que culminaram na perda de auxiliares. ✓ Limitações físicas. ✓ Crise de ansiedade e pressão arterial muito alta. ✓ Divórcio e desemprego. ✓ Aumento da intensidade de trabalho. ✓ Deixei o ministério. ✓ Muita correria, preocupação com as finanças.

	✓ Desemprego e estou vivendo pela fé. ✓ Em revitalização devida uma estafa (desânimo sem explicação aparente, dores no corpo, falta de motivação). ✓ Perda da minha filhinha no sexto mês e meio de gestação, decisão de deixar um ministério de sete anos por entender que era doentio. ✓ Separação da esposa.
NEUTRAS	✓ Casamento do filho mais velho. ✓ Mudança repentina de paróquia. ✓ Fui participar no curso de pós-graduação. ✓ Trabalho secular além do ministério pastoral. ✓ Mais compromisso e estudos. ✓ Mudança de estado. ✓ Gravidez da minha esposa. ✓ Físico, mental e espiritual. ✓ Bebê na família, viagens internacionais, mudanças de apartamento. ✓ Retornei a vida acadêmica. ✓ Assumi mais responsabilidade. ✓ Levo vida com ânimo, o melhor virá. ✓ Mudança de cidade, de igreja, filho casando.

	✓ Mudança de país. ✓ Chegada de um neto antes do tempo e casamento do filho mais velho. ✓ Mudança de igreja, amigos, rotina, expectativa de vida, planos. ✓ Mudanças de Liderança. ✓ Decisão de pedir a aposentadoria. ✓ Nova tarefa de acompanhar novos jovens que querem ser padres também.
--	--

Fonte: Autores da pesquisa (2018)

Em relação a algumas mudanças nos últimos meses, 38 cleros da pesquisa afirmaram que nenhuma mudança tinha acontecido, enquanto os outros 48 citaram várias mudanças significativas nas vidas deles. Essas mudanças podem ser classificadas em categorias relacionadas a saúde, ao trabalho, a familiares, ao local onde residem e às finanças.

Todas as mudanças importantes acabam trazendo, no mínimo, certo nível de ansiedade. Alguns desses líderes relataram mudanças graves como divórcio, desemprego, doenças – estafa e pressão alta –, e outras atividades mais intensas. As mudanças na vida do clero geram uma angústia que, como diz Pereira (2012, p. 165), “é reflexo da própria época em que vivemos”.

A pós-modernidade é marcada por uma crise que nasce do fato de que tudo o que se tinha como certeza está se mostrando fluído e variável. Os modelos familiares mudam, a maneira de fazer ministério muda e o clero dessa época pós-moderno se encontra tentando adaptar-se às mudanças que tanto assustam como desorientam (PEREIRA, 2012).

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O RESULTADO DA PESQUISA

A partir dos gráficos acima apresentados, pode-se perceber, com clareza, a situação atual dos líderes espirituais no Brasil. Os dados coletados mostram uma grande resistência da parte dos padres e pastores em relação a tudo que diz respeito à saúde mental, em especial na área psicológica. Esta afirmação sustenta-se no fato de que foram enviados aproximadamente 1.000 convites via e-mails, mensagens no WhatsApp e no Messenger, solicitando a participação desses líderes na pesquisa. Depois de um pouco mais de um mês somente 86 líderes espirituais responderam, na íntegra, ao formulário enviado. Alguns deles, responderam somente depois de certo nível de insistência da parte dos pesquisadores. Muitos pastores e padres acreditam numa incompatibilidade entre a fé e a psicoterapia e têm certa relutância em responder a um formulário associado à ciência da Psicologia.

Também se percebeu uma desconfiança em relação às questões de sigilo, se os nomes seriam publicados, se eles seriam identificados ou o destino dos resultados. Alguns dos convidados a participarem da pesquisa solicitaram saber quem poderia ter passado os contatos ou endereços eletrônicos deles. Essa desconfiança e relutância pode ser relacionada a essa crença de que padres e pastores não são como os outros homens, pois ocupam um lugar, no imaginário da sociedade, de super-homens e, conseqüentemente, alguns parecem lutar para não deixar transparecer suas lutas cotidianas. Não responder ao formulário poderia ser uma forma de deixar oculto o sofrimento ou, ainda, permanecer nesse lugar fictício, no entendimento do povo.

Em relação aos objetivos propostos neste estudo, ao se finalizar esta pesquisa, confirma-se que, realmente, padres e pastores apresentam níveis consideráveis de sofrimento psíquico. Entende-se, um pouco, o estado de saúde destes líderes religiosos e alguns fatores que influenciam em sua saúde mental, a saber: a exigência surreal dos fiéis, a ansiedade e estresse relacionado ao trabalho, a síndrome de Burnout, a depressão e sintomas de depressão, uma postura exótica ou inabalável diante de sofrimentos pelos quais passam os fiéis que exigem ajuda/solução de padres e pastores, tudo isso, dentre outros fatores, num mundo em constante mudança, orbitando para uma secularização marcada com o materialismo e o ateísmo.

Pertinente se faz outras pesquisas que apliquem o mesmo formulário usado neste trabalho a outros grupos de profissionais para comparar a saúde mental em distintas profissões. Muito apropriado, também, outros estudos que envolvam as famílias dos líderes

espirituais para buscar saber se elas estão impactadas pelo trabalho destes e, além disso, um estudo direcionado particularmente à solidão vivenciada por padres e pastores.

Propõe-se, para o clero, uma formação permanente e, além disso, acesso regular a psicoterapia, pois, esta, para padres e pastores, não visa devolver para as igrejas, homens e mulheres que tenham superado suas lutas, mas, mais importante, visa devolver uma pessoa mais humanizada, uma pessoa que tenha desenvolvido seu ser no enfrentamento de suas angústias, que tenha descoberto suas potencialidades, antes rejeitadas ou desconhecidas (PINTO, 2012).

6. À GUIA DE CONCLUSÃO

Este artigo, de forma alguma, pretende esgotar o assunto a respeito do sofrimento psíquico do clero. Ele visa abrir novas perspectivas e buscar novas possibilidades e aberturas para mais pesquisas nesta área tão pouco pesquisada. O artigo termina cheio de esperança para o clero, grupo este, a qual pertencem os pesquisadores deste artigo.

Considera-se importante um olhar sobre o encontro entre a religião e a psicologia, um olhar que traz questões tanto intrigantes quanto importantes, um olhar que visa na pessoa do clero o homem que ele realmente é, ou seja, necessitado de cuidados como qualquer outro. Não parece ser uma utopia acreditar que o sofrimento destes homens pode ser aliviado se houvesse um olhar mais humano para com eles. Parafraseando a fala de Andreoli (2010), as Igrejas querem que os seus padres e pastores sejam santos, mas é igualmente importante que fossem serenos e, pelo menos, algumas vezes, felizes.

Nesse artigo, por meio da pesquisa de campo, almejou-se aprofundar um pouco na vida dos cleros, no mundo desses líderes. Fica claro, nas repostas, que os líderes religiosos sentem angústias e alegrias, dores e prazeres. O que não se aparenta, na letra fria colocada nos retornos dados, são as lágrimas que caíram, os gritos de socorro arrancados pela crueldade das exigências impossíveis de suas congregações. Mas, durante a pesquisa para a redação deste artigo, percebe-se um grupo que, mesmo sendo de Deus, se mostra, totalmente e incontestavelmente, humano. Foi exatamente assim com Santa Teresa de Calcutá nesse texto que mostra a sua angústia:

Senhor, meu Deus, quem sou eu para que Tu me abandones? Sou uma criança de teu amor – e agora se tornou a mais odiada – aquela que jogaste fora como indesejada – como não amada. Eu chamo, agarro-me – não, ninguém. – Sozinho. A escuridão é tão escura – e eu estou sozinha. – Indesejada, abandonada. A solidão do coração que quer amor é insuportável. – Onde está a minha fé? Mesmo lá no fundo, bem lá dentro, não há nada a não ser vazio e escuridão. – Meu Deus – que dolorosa é esta dor desconhecida. Dói sem cessar. – Não tenho fé (KOLO-DIEJCHUK, 2008, apud CAMPOS, 2018, p. 68-69).

A religião é uma busca para o sagrado, mas o sagrado é “humaníssimo”, é uma experiência desta terra feita de homens tentando dar uma resposta às necessidades do sagrado que o ser humano experimenta, então entende-se que falando do céu, fala-se, também, da terra. Psicologicamente, as ocasiões de frustração e sofrimento são reais na vida desses líderes e, este artigo é uma tentativa de ajudar a trazer à luz do dia e da reflexão, o sofrimento escondido desses líderes e, assim, provavelmente, trazer um tipo de alívio, dar um som ao grito silencioso no intuito de fazer com que sejam ouvidos e, quiçá, amparados.

REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2014). **DSM-5: Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais**. ed. 5. Porto Alegre: Artmed.

ANDREOLI, V. **Padres Viagem Entre os Homens do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA, Português. A Bíblia Sagrada de Aparecida. São Paulo: Editora Santuário, 2006.

COZZENS, D. B. **A Face Mutante do Sacerdócio**. Ipiranga: Edições Loyola, 2001.

CAMPOS, L. **A Dor Invisível dos Presbíteros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. ed. 2. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho – Estudo de Psicopatologia do Trabalho**. ed. 5. São Paulo: Cortez, 1992.

FELLER, V. **Ser Padre Hoje**. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

FERREIRA, M. C.; MENDES, A. M. **Trabalho e Riscos de Adoecimento: O Caso de Auditores-fiscais da Previdência Social Brasileira**. Brasília: Ler, Pensar e Agir, 2003.

HELLER, A. **Sociologia da Vida Cotidiana**. Barcelona: Península, 1991.

MÉZERVILLE, H. L. **O Desgaste na Vida Sacerdotal**. São Paulo: Paulus, 2012.

PEREIRA, W.C.C. **Sofrimento Psíquico dos Presbíteros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

PINTO, Ê. B. **Os Padres em Psicoterapia**. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

SILVA, J. F. **O Burnout Pastoral na Perspectiva da Teologia Prática: Definições, Causas e Prevenção**. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção. Disponível em: <https://megaphoneadv.blogspot.com/2016/04/o-descobrimento-e-chegada-do.html>. www.cacp.org.br > ... > Diversos » História Geral > Diversos » Mídia e Fé. Acesso em: 20 de agosto 2018.

VALLE, E.; BENEDETTI, L. R.; ANTONIAZZI, A. (organizadores). **Padre, Você é Feliz? Uma Sondagem Psicossocial Sobre a Realização Pessoal dos Presbíteros do Brasil**. Brasília: Loyola, 2003.